



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Biotecnologia e as dimensões da vida humana

Por: Hilda Regina Pereira Menezes Olea¹

hilda.olea@cnp.ifmt.edu.br

Resumo

O intuito principal do texto é apresentar para apreciação e discussão os aspectos iniciais de uma investigação que pretende ter como resultado a retomada do binômio natureza e cultura à luz do advento das biotecnologias. Para tanto, adota o pressuposto de que o vivo e o vivido são duas dimensões da existência humana, cujas alterações podem ser observadas no curso temporal da emergência hominiana, sem que, todavia, possam ser reduzidas a eventos históricos. O artigo concentra-se especialmente nas transformações produzidas no âmbito das ciências da vida, que ocorreram na segunda metade do século XX e procura analisar suas consequências para a vida humana. Tal análise tem por base a exposição da proposta do filósofo e matemático francês Michel Serres, para quem o próprio corpo humano tornou-se objeto técnico, o que equivale a afirmar que a humanidade vive, no tempo presente, um momento de transição, que se processa em três níveis de relações: do homem consigo mesmo, com os outros e com o mundo, a qual o filósofo designa através do neologismo hominescência.

Palavras-chave: Natureza. Cultura. Biotecnologia. Hominescência.

Resumo

La Ĉefa celo de la teksto estas prezenti por aprezi kaj diskuti la komencajn aspektojn de esploro, kiu intencas rezultigi la rekomendon de la duoma naturo kaj kulturo laŭ la alveno de bioteĥnologioj. Por tio, ĝi akceptas la supozon, ke la vivado kaj la vivado estas du dimensioj de homa ekzisto, kies ŝanĝiĝoj povas esti observitaj en la tempoj tempoj de la homaj krizoj, tamen, malpliigitaj al historiaj eventoj. La artikolo fokusas precipe pri la transformoj produktitaj en la vivaj sciencoj, kiuj okazis en la dua duono de la 20a jarcento kaj serĉas analizi siajn konsekvencojn por la homa vivo. Ĉi tiu analizo baziĝas sur la ekspozicio de la propono de la franca filozofo kaj matematikisto Michel Serres, por kiu la homa korpo mem fariĝis teknika celo, tio estas, ke la homaro vivas nuntempe en transiro, kio Procezoj en tri niveloj de rilatoj: de la homo kun si, kun la aliaj kaj kun la mondo, kiun la filozofo designas per la neologismo.

Ŝlosilvortoj: Naturo. Kulturo. Bioteĥnologio. Homaj homoj.

Abstract

The text of the main purpose is to present for consideration and discussion the initial aspects of an investigation that aims to result in the resumption of the binomial nature and culture in the light of the advent of biotechnologies. Therefore, adopts the assumption that the living and the living are two dimensions of human existence, which changes can be observed in the time course of hominial emergency, without, however, can be reduced to historical events. The article focuses particularly on changes produced within the life sciences, which occurred

¹ É doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, é Mestra em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e sanduiche com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. É servidora pública federal, docente EBT de Filosofia, lotada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso – IFMT, lotada na cidade de Cuiabá/ MT. É integrante do Projeto de Pesquisa Colonialidade do poder, do saber e da arte: Críticas transversais. É autora do livro “Especulações para uma epistemologia da interdisciplinaridade: fluxo e passagens” (2017), co-organizadora dos livros “Diversidade para um mundo ativo” (2012), “Ferramentas digitais para a construção de um mundo contemporâneo” (2012), “Práticas de construção e organização da informação” (2012) e “Atuação digital proposta de ações afirmativas para uma sociedade diversa” (2012).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

in the second half of the twentieth century and to analyze its consequences for human life. This analysis is based on proposed exposure of the French philosopher and mathematician Michel Serres, for whom the human body itself became technical object, which is to say that humanity lives in the present time, a time of transition, which processes at three levels of relationships: the man with himself, with others and with the world, which the philosopher designates through hominescência neologism.

Key words: Nature. Culture. Biotechnology. Hominescence.

Introdução

Suponhamos que a teoria científica sobre origem do mundo mais difundida na atualidade, conhecida como Big Bang, esteja correta e que a matéria, a energia, o espaço e o tempo sejam características fundamentais do nosso universo e que depois da grande explosão a matéria e a energia começaram a se aglutinar formando estruturas complexas, as quais nossa civilização veio a chamar de átomos. Admitamos ainda que as estruturas atômicas se combinaram e formaram moléculas, que por sua vez, em um planeta que chamamos Terra, algumas delas combinaram-se entre si e deram origem a grandes estruturas complexas chamadas organismos.

Admitindo tais hipóteses podemos formular a seguinte pergunta: qual o percurso da vida entre as primeiras “poças de gosma” do planeta e o *cogito* responsável pela construção da primeira habitação humana? Sem dúvidas essa pergunta deveria ser precedida por muitas outras e sua formulação imediata representa um grande salto (arbitrário talvez) sobre ou sob teorias científicas, etapas evolutivas, eras geológicas e áreas do conhecimento humano, todavia, a justaposição destes elementos díspares (o surgimento da vida e a capacidade projetiva humana) é proposital. Esta pergunta tem como objetivo colocar lado a lado duas condições elementares e irreduzíveis da existência humana, que denomino dimensão do *vivo* e dimensão do *vívido*.

Trata-se de um exercício de pensamento que procura considerar a vida humana a partir dessas duas dimensões e analisar como ambas vem se transformando, especialmente a partir da segunda metade do século XX. O objetivo é pensar questões da vida em diferentes escalas. Explico: Pensada em escala geológica ou a partir da concepção evolucionista, por exemplo, a questão da Vida é maior que as questões da vida humana. Estamos nos referindo, neste caso, a problemas que nos dizem respeito enquanto espécie, concernentes às condições necessárias para que haja vida no planeta. Já ao nos referirmos, por exemplo, as implicações sociopolíticas de um determinado saber produzido por um grupo de humanos, o que está em jogo são questões relativas a indivíduos específicos de um determinado tempo e lugar, bem como, a particularidade de suas atividades epistêmicas, suas disposições normativas, suas estruturas econômicas, etc.

O problema, conforme tem nos demonstrado as ciências da natureza e as ciências humanas, tais como a história, a antropologia, a sociologia e a economia, é que em determinados pontos essas duas dimensões se “encostam” e produzem efeitos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

irreversíveis uma sobre a outra, criando, inclusive, novas possibilidades de realidade. Tais bifurcações são o foco principal da pesquisa, que procura saber, especialmente, o que muda a partir delas. É, em última instância, uma procura humanista, pois, para além de qualquer *centrismo* étnico, epistêmico ou de gênero, se ocupa com possibilidades e condições da Vida Humana em face de conjunturas produzidas pelo próprio homem, tais como a ciência, a tecnologia e a sociedade.

O risco de tal escolha reside na possibilidade do enclausuramento em uma categoria hipotética, uma vez que, a pretensão de falar sobre todos os homens pode significar não falar de nenhum. Tal propósito queda-se quando constatamos que não encontramos nenhum correspondente na realidade para aquilo que denominamos “a humanidade”, a menos que determinemos critérios capazes de objetivar nosso referente. A escolha desses critérios procura escapar do fantasma da clausura, que ronda a teoria, ao levar em conta que, enquanto as histórias dos avanços são narradas no plural: “nós” evoluímos, “nós” conhecemos, “nós” nos tornamos; a dor só é sentida em primeira pessoa, é singular. Apenas o eu sofre.

É tendo em mente, precisamente, a bifurcação entre o vivo e o vivido, que retomo a afirmação de Michel Serres (2003), de que nosso objetivo em filosofia é e sempre foi o homem, e me ocupo de indagações tais como: Por que nos colocamos para além da condição de organismos, como tantos outros milhões que vivem na Terra, e passamos a habitá-la como humanidade? Quais condições possibilitam que sejamos humanos? Há, para além das bases biológicas, uma partícula mínima (característica ou propriedade) capaz de incluir sob a designação “humanidade” uma diversidade de indivíduos? Se há, qual é? Por que, a despeito da profusão simbólica criada e cultivada pelos indivíduos e seus grupos, insistimos em uma categoria totalizante como esta? E, por que temos obsessão em saber o que permanece? Por que não nos ocupamos daquilo que muda?

Parece que algumas destas questões cabem à Filosofia, outras à Antropologia e outras ainda à Biologia. Certamente não detenho as respostas, mas me ocupo dessas perguntas e de outras que ajudam a pensar no ser humano enquanto um tipo específico de organismo que criou e cria as condições para sua separação/interação e controle do ambiente “natural” e produz para si mesmo ambientes “artificiais”. Seria a capacidade de criação do “artificial” uma especificidade do humano?

Bifurcações

De acordo com a história da evolução biológica humana há milhares de anos um ancestral nosso experimentou-se pela primeira vez sobre as patas traseiras. O quadrúpede precisou erguer-se para que um dia nós — os sapiens — nascêssemos bípedes eretos, com mãos habilidosas e cabeça pensante. Posterior a esse ato de liberação, de “falso equilíbrio entre movimento e liberdade”

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

surgiu o primeiro cogito: o projeto de um refúgio. O humano ereto e pensante emerge e coloca um teto entre si e o mundo natural (SERRES, 2004, p. 11-12). Nasce juntamente com o homem o mundo da cultura.

Se o primeiro cogito e a primeira obra realizada pelas mãos recém liberadas foram de fato, respectivamente, o projeto e a construção da habitação não sabemos e nunca saberemos. Em conformidade com Serres (2003) e Stein (2010) entendo que sobre o que pensaram os primeiros humanos, o que fizeram e para quê usaram suas mãos quando se tornaram bípedes, a despeito dos achados arqueológicos, só podemos falar através de parábolas. Ignoramos quase que completamente a nascente da humanidade.

Seja como for, assim como a nascente acompanha o rio em seu percurso, a capacidade projetiva do homem e as habilidades adquiridas com a liberação dos membros superiores concorreram para que, gradativamente, mais humanos trocassem a vida de caçadores-coletores pela vida de agricultores e pastores. A história nos mostra com um pouco mais de precisão que recentemente, cerca de 12.000 anos atrás, os sapiens começaram a fixar-se à terra. Nasce assim o mundo do trabalho.

Neste período, inequivocamente, o cogito da habitação se fez presente. Mas, este não foi um evento que teve apenas um alcance arquitetônico. O vínculo com “sua” casa, a separação dos outros e do ambiente representou um impacto psicológico que deu origem a “uma criatura muito mais autocentrada” (HARARI, 2015, p. 108). Não é difícil perceber que os humanos dessa época lançaram as bases para o nosso modelo de sociedade e abriram caminho para que milênios depois um Sujeito, refugiado em frente a sua lareira, observando um pedaço de cera, postulasse outro cogito: sou uma coisa que pensa, então tenho existência. Este outro cogito separa ainda mais o homem do mundo. Mas, desta vez a descontinuidade não é apenas entre o corpo e o mundo natural, além disso, o próprio homem acha-se cindido em dois: em interioridades e exterioridade, em corpo e mente. A cultura segue adiante.

Este novo sujeito dotado de interioridade e exterioridade coloca-se para fora da natureza a fim de compreendê-la e domina-la. O homem torna-se sujeito epistêmico e a natureza seu objeto de conhecimento. Contrariamente ao que postulam algumas denúncias contra a modernidade, os humanos dessa época não estavam sentados em poltronas confortáveis elaborando planos cruéis de dominação e espoliação do mundo, — não que não houvesse aqueles que ocupavam poltronas confortáveis enquanto outros aravam a terra, as assimetrias sociais, econômicas e as classes políticas são tão antigas quanto o são as culturas - o que pretendo enfatizar é que o projeto daqueles que criaram a ciência moderna era compreender as leis que regem a natureza e manipular, na medida do possível, os fenômenos naturais para trazer condições mais favoráveis à vida humana; o problema é que hoje podemos pesar os prós e os contras e perceber que, em grande medida, o tiro saiu pela culatra.

A ciência e a revolução industrial transformaram a vida humana e a ordem social de tal forma que hoje uma pessoa comum tem acesso a medicamentos para curam enfermidades que há pouco matavam reis. Inegavelmente, em muitos aspectos a vida se

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tornou mais fácil, mas a que custo? Terá realmente nossa vida se tornado mais abundante e menos penosa? O fato é que as pesquisas científicas aplicadas ao desenvolvimento tecnológico deram ao ser humano uma escala de poder que ele nunca havia experimentado.

Esse fato faz com que alguns pensadores postulem que humanidade passa por um momento de transição. Segundo essa perspectiva, a profunda transformação em curso não é apenas uma mudança de paradigmas epistemológicos ou uma transformação nas cosmologias; são as próprias possibilidades da vida que se alteram, pois, nossa era presencia a modificação daquilo que até então considerávamos natural e inalterável pelo esforço humano: o nascimento e a morte do homem e dos demais seres vivos. Nesse sentido, uma formulação que merece destaque é a do filósofo e matemático Michel Serres. Nela o autor postula que a humanidade enquanto espécie vive hoje um momento de transição, uma situação intervalar, na qual tem início um novo tipo de hominização, cujo início data, aproximadamente, da segunda metade do século XX. Para designar tal transição, o filósofo criou o neologismo *Hominescência*, em analogia à adolescência ou luminescência, palavras que designam situações de passagem, respectivamente, da infância à vida adulta e da escuridão à luz.

A propósito da *Hominescência*

Tributária das biotecnologias e das tecnologias de informação essa emergência hominiana, a *Hominescência*, diz respeito à humanidade que habita o tempo biotecnológico, submetido, certamente, ao tempo natural, mas comandado e executado por instrumentos e projetos da nossa cultura. Processa-se, de acordo com Serres (2003), em três circuitos simultâneos e interdependentes, que são, respectivamente, nossa relação com o corpo, com o mundo e com os outros.

PRIMEIRO CIRCUITO DA HOMINESCÊNCIA

De acordo com a teoria evolucionista milhões de anos são necessários para que ocorra uma mudança significativa dos corpos, mas no mundo de nossas práticas, bastam alguns meses para a construção de objetos técnicos. Isto é, levou milhões de anos para que os pássaros tivessem penas e voassem, mas em poucos meses construímos uma aeronave. Para Serres, a técnica substitui a evolução. Com ela fabricamos nossos primeiros objetos técnicos e assim saímos da evolução para entrar na cultura.

Uma lâmina, uma pedra polida, responderam mais rápido às nossas necessidades do que a lenta transformação das funções. Exodarwinismo é como o autor denomina essa relação entre nossos órgãos e os objetos. Os últimos são uma exteriorização de nossos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

meios de adaptação. O guindaste, por exemplo, desempenha a função do braço; o martelo, a do punho; a roda, a das articulações dos joelhos. Objetos técnicos são nossos órgãos espalhados pelo mundo, com suas funções otimizadas.

Já com os primeiros objetos entramos num tempo exodarwiniano e ingressamos em outra evolução, pois, em vez de esculpir nossos corpos, passamos a transformar os objetos. Nossas mãos se especializaram e talvez nosso grande cérebro represente essa adaptação. O humano começou por essa aparelhagem. Começamos com a construção do primeiro instrumento. Eles nos separaram dos demais animais. Logo depois construímos nossa própria habitação para separar nosso corpo do mundo.

Desde o começo os objetos técnicos *protegeram* o corpo humano das mudanças naturais até que recentemente os próprios corpos entraram para a cultura. Dito de outro modo, contemporaneamente, as forças que modelam nossos corpos provêm mais do meio ambiente que construímos do que do mundo dado; “mais da nossa cultura do que da nossa natureza” (SERRES, 2003, p. 54). Quando a ciência e as técnicas passam a regular a morte e a reprodução, ambas passam a ser culturais e uma nova evolução instala-se: artificial e cultural.

Mergulhada em um tempo biotecnológico essa nova evolução convoca-nos a repensar a questão da finalidade. A natureza nunca teve um projeto, a ideia de finalidade aplicava-se somente aos objetos e não se estendia ao reino dos vivos. Entretanto, ao gerar a reprodução e modificar geneticamente os organismos estamos construindo seres vivos. “A revolução atual consiste no fato de os novos seres vivos se terem parcialmente transformado em objetos técnicos” (SERRES, 2003, p. 55).

Na filosofia clássica ocidental encontramos explicitada a questão das causas finais relacionada aos artefatos. Assim, o machado é fabricado para cortar madeira; o avião para cruzar os céus, mas não sabemos dizer por que nascem as árvores ou os lobos. “Polimos pedra para caçar, mas porque clonamos os OGM²? Será suficiente dizer que fazemos isso para nos preservar de doenças? Nossas práticas contradizem nossas filosofias” (SERRES, 2003, p. 56)

Em nossos dias a transformação do homem pelo homem deixa de ser metáfora. As ciências e as técnicas podem, literalmente, construir seres humanos. Se os humanistas querem executar seu projeto é chegada a hora, afirma Serres (2003), pois, do saber e da vontade, faremos nascer a “natureza” humana. Em sua concepção, no que concerne às relações que estabelecemos com o corpo, a questão que urge pensarmos é a substituição que fazemos da evolução que leva milhares de anos por esta processada em laboratórios e, sobretudo, precisamos considerar que nossas vidas começam a depender disso.

² Sigla utilizado para abreviar, tanto no singular quanto no plural, o termo técnico Organismo Geneticamente Modificado.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

SEGUNDO CIRCUITO DA HOMINESCÊNCIA

Se a maior descoberta contemporânea, na concepção de Serres, é a descoberta do ADN, o maior acontecimento é o fim da agricultura enquanto modeladora de condutas, das culturas, da vida social, dos corpos e da religião. A agricultura desde o período neolítico ofereceu ao homem contextos de espaço e de tempo, no entanto, a terra como gleba irrigada cotidianamente pelo suor do trabalhador deu lugar, no final do século passado, ao planeta Terra fotografado em sua globalidade.

Uma fissura nos separa das antigas relações com a fauna e com a flora, com a duração das estações e com os lugares. Em virtude dessa fissura modificaram-se também os relacionamentos sociais e a ocupação dos territórios. A ruptura agrária, análoga a dos corpos, ocorreu pela via das biotecnologias e revolucionou o Século XX. A primeira planta transgênica data de 1983 e desde então inúmeras questões são levantadas, mas “a mais importante concerne, atualmente, muito menos ao próprio método e experimentação genética do que ao monopólio das sementes modificadas pelas companhias multinacionais” (SERRES, 2003, p. 85).

As duas rupturas científicas e laboratoriais dizem respeito a todas as espécies, ao mundo da prática e ao mundo do saber. Encerram uma época ao transformarem as relações do homem para com a reprodução, com o espaço e com o tempo, consigo mesmos e com os outros. Não teriam, portanto, transformado o próprio homem?

Se pensarmos no curso da história perceberemos que é na economia e na política que se mostram mais evidentemente as rupturas ocasionadas pela ciência e pela técnica. Através desses componentes culturais é que se atinge a “natureza humana” e a do mundo. Por ocasionarem transformações profundas é que essas rupturas são denominadas *hominescentes*.

Porém, Serres, em suas elaborações teóricas, prescinde da linearidade temporal, escava sob o tempo histórico para depois retornar a ele, assim, a inovação e tradição encontram-se, de fato, muito próximos. Os OGM datam de 1983, contudo, os primeiros cruzamento e domesticações datam do período neolítico. Uma tendência arcaica que vem sendo reforçada por ações recentes.

A agricultura contemporânea realizando-se mais dentro dos laboratórios do que nas lavouras é uma amostra de como nos relacionamos com o mundo. Neste segundo circuito da *Hominescência* deixamos de lado os *objetos técnicos* do primeiro circuito e nos detemos nos *objetos-mundo*. Os OGM são objetos que assumiram dimensão mundial. Os primeiros dividem o mundo em localidades, uma vez que artefatos tradicionais e instrumentos definem o ambiente sobre o qual trabalhamos; possibilitam sua administração por parte de um sujeito e até mesmo uma filosofia do controle. Já o aumento quantitativo dos segundos formou um novo universo.

Tais “objetos-mundo nos conduzem em direção a um mundo que não é um objeto como os objetos do mundo” (SERRES, 2003, p.160). O segundo circuito da *Hominescência* refere-se às relações que estabelecemos com o mundo que modelamos a partir de

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

objetos-mundo. Desse modo, tornamo-nos naturantes, pois, com os OGM esculpimos tecnicamente nosso ambiente e produzimos uma natureza que reage sobre nós.

TERCEIRO CIRCUITO DA HOMINESCÊNCIA

Diante das querelas sobre as novas tecnologias ou sobre as biotecnologias nossa tendência é a de considerar o natural bom e o artificial ruim, mas Serres adverte que não caímos nessa armadilha. Antes de julgar e decidir é necessário observar e compreender.

As tecnologias, assim como a língua, obedecem a uma dupla lógica que se situa além do verdadeiro e do falso, do bem e do mal. Podem se tornar o melhor e o pior dos caminhos. São meios que permanecem independentes a seus conteúdos; neutros quanto à mensagem que transportam. Realizam transferência de energia na forma de instrumentos materiais ou virtuais.

Um artefato auxilia, uma arma mata. Essa antinomia acompanha tanto as trocas de energia das “ciências duras” quanto as trocas de informação das “ciências doces”³. De fato tudo consiste em comunicação, entropia. Sem elas não haveria vida. Na teoria serreana da Hominescência a relação é a categoria elementar, pois, segundo ele, o mundo contemporâneo experimenta o espaço igualitário e homogêneo da comunicação. O espaço das mídias tende para a ideal democracia. Nele os objetos duros encontram os discursos doces. O risco: confundir a verdade com o imediatamente acessível.

Por esta via explora-se muito mais o medo de objetos míticos do que se produz um debate sobre a realidade das biotecnologias e dos reatores nucleares. Assim Serres induz a formularmos a seguinte pergunta: a quem interessa o crescimento dessa angustia? A verdade pode ser definida por si mesma ou por consenso e o poder da comunicação, hoje, reside em sua atuação sobre os procedimentos de decisão da verdade. Essa novidade tem consequências sociais, políticas e judiciárias.

As tecnologias aplicadas à comunicação possibilitam que os discursos atinjam não mais um grupo restrito, mas um coletivo global e assim modelam coletividades numerosas. São instrumentos sociais assim como foi o livro na sucessão da voz. Na antiguidade o aparecimento da escrita, no Renascimento o desenvolvimento da imprensa e na contemporaneidade a internet e demais meios de comunicação, são, sucessivamente, feitos que vêm produzindo transformações em escala cada vez maiores no direito, na política, na economia, nas religiões, nas ciências e no ensino.

³ Michel Serres denomina doces as Humanidades em geral: Ciências Sociais, as Artes e as Letras.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em oposição às profecias Serres afirma que nenhum tipo de mídia “mata” seu antecessor. Contrariamente, as inovações podem ser vistas como possibilidades de liberação. Se não tivéssemos nos tornado bípedes nossas mãos ainda se achariam comprometidas com a função de locomoção e assim jamais teriam se achado livres para fabricar e manipular objetos ou para tocar piano.

Da mesma forma que a escrita e o livro, que não extinguiram a voz, as novas comunicações ampliam sua capacidade de alcance. E ainda mais, o homem liberado da gleba e dos ciclos da natureza pelo fim da agricultura tradicional, mediado pelas tecnologias, tem a possibilidade de uma habitação global.

Hoje perdemos o endereço e ganhamos o não-lugar. Com isso começamos a perguntar sobre o sentido das estacas que demarcam a circunscrição dos terrenos. Se estivermos presenciando o fim lugar se fará necessária a elaboração de um novo Direito; uma nova modalidade de contratos que levem em conta a deflagração das cidades no espaço mundial.

O terceiro circuito da *Hominescência* se dá no âmbito da relação do eu com os outros. O ego contemporâneo se constrói dentro e por meio de cruzamentos. “Hoje a relação precede, assegura, funda, desenvolve e enriquece a existência” (SERRES, 2003, p. 246). O eu morre por causa do “nós” e nisso reside a necessidade de se poder responder quem é, exatamente, esse “nós”.

Conforme já apontado, as tecnologias estão sujeitas à ambiguidade de sua utilização, por esse mesmo motivo o fim do lugar e a morte do eu podem significar tanto uma comunhão global quanto a construção de uma sociedade de insetos, na qual uma coletividade operária trabalha em prol da realeza, sem qualquer sentido de singularidade, independência de pensamento, direitos e valor da pessoa.

Considerações finais

Independentemente de acolhermos ou não a denominação oferecida por Michel Serres, ou ainda, de concordarmos ou não com algumas de sua concepção epistemológicas⁴, tais como: (1) de que há uma neutralidade no conhecimento e na tecnologia enquanto considerados em si mesmos e que somente seu uso pode ser nocivo ou benéfico; (2) que as tecnologias da informação nos conduzem para a ocupação igualitária dos espaços; (3) ou ainda, de que a nova agricultura traz a liberação do homem; é patente o

⁴ Se faz necessário ter muita cautela ao aplicar o termo “epistemologia” à filosofia de Michel Serres, uma vez que o próprio filósofo adverte que produz um discurso sobre as ciências “em corte de epistemologia”, pois, segundo ele as discussões epistemológicas tradicionais ocupam-se apenas das questões internas das ciências, como por exemplo, seus métodos e sua linguagem, deixando de fora o que para ele é o elemento principal do qual a filosofia deveria se ocupar: as relações que as ciências estabelecem com seu em torno.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fato de que, enquanto espécie, experimentamos um novo modo de existência e que essa nova forma de existir tem produzido modificações na sociedade, na política e no direito.

Alguns acontecimentos nos demonstram isso: (1) Nas manhãs de 06 e 08 de agosto de 1945, a partir das cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, a humanidade conheceu a possibilidade da extinção global pela vontade e pelo conhecimento produzido pelo próprio homem; (2) em 25 de julho de 1978, na cidade de Bristol, Inglaterra, nasce Louise Brown, o primeiro ser humano proveniente de fertilização *in vitro*. Pela primeira vez na história de nossa espécie o nascimento não provém de uma relação sexual entre um homem e uma mulher; (3) em 16 de junho de 1980 a suprema Corte dos Estados Unidos da América decidiu, em favor do engenheiro genético Ananda Chakrabarty Mohan, que um micro-organismo criado pelo homem é matéria patenteável e que o fato do produto da fabricação ser um ser vivo não é empecilho para a determinação da propriedade intelectual; (4) em 26 de junho de 2000 a comunidade científica anuncia o sequenciamento do genoma humano.

Até o final do século XX, início do XXI a espécie humana esteve sujeita às mesmas forças que regem o processo de seleção natural de todos os seres vivos, mas, a partir de então, torna-se possível ao nosso organismo transcender os limites da determinação biológica. Hoje a engenharia genética torna real a possibilidade do *design* da vida. Evidentemente, é necessário levar em conta que a modificação genética de organismos não é nenhuma novidade, uma vez que, há mais de 10 mil anos o homo sapiens vem domesticando e cruzando espécies animais e vegetais, porém, a capacidade técnica de realizar cruzamentos seletivos difere amplamente da capacidade e das possibilidades científicas e tecnológicas de introduzir, deliberadamente, características completamente novas e ausentes em um determinado código genético.

O questionamento obvio que se coloca é: em que medida o poder de criação adquirido pelo homem é bom ou mau? Porém, precisamos ir além do imediatamente dado e dirigir nossa atenção para as questões de fundo. O ser humano é um organismo composto por um código genético, mas, ao mesmo tempo, não é apenas um organismo, isto é, é um ser vivo dotado de consciência, de capacidade de planejamento e de objetivos de vida, que habita e transforma o mundo material através de criações culturais intersubjetivas, tais como as religiões, a ciência, o direito, o Estado e o capital. Então, se no âmbito da ciência e da tecnologia a vida é, atualmente, propriedade intelectual e o próprio corpo humano, objeto técnico, alguns questionamentos relevantes a serem formulados são: para quê e para quem é importante uma natureza geneticamente criada a partir do saber e da vontade do próprio homem? Quem determina os critérios dessa criação? Em suma, hoje, as dimensões do *vivo* e do *vivido* se processam mediante avanços tecnológicos e nos convocam a pensar a intercessão entre o ontológico e político.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Referências

- CUPANI, A. “A tecnologia como problema filosófico: três enfoques”. In **Scientie studia**. São Paulo. V2, nº 4, p. 493-518, 2004.
- HARARI, Y. N. **Sapiens – uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- HEIDEGGER, M. “A questão da técnica”. In **Scientiae Studia**. São Paulo .V. 5, nº3, p. 375-98, 2007.
- KESSELRING, T. “O conceito de natureza no pensamento ocidental”. In **Episteme**, Porto Alegre, n. 11, p. 153-172, jul/dez 2000.
- LATOURETTE, B. “Um Prometeu cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design”. In *Revista brasileira de Design*. Disponível em: www.agitprop.com.br. Acesso em: 09 de novembro de 2015.
- MATURANA, H; VARELA, F. **A árvore do conhecimento – as bases biológicas da compreensão humana**. Trad. Humberto Moriotti e Lia Diskin. São Paulo: Editora Palas Athena, 2001.
- ROSA, L. P. **Tecnociências e humanidades novos paradigmas, velhas questões – o determinismo newtoniano na visão de mundo moderna**. Volume I. São Paulo: Paz e terra, 2005.
- _____. **Tecnociências e humanidades novos paradigmas, velhas questões – a ruptura do determinismo, incerteza e pós-modernismo**. Volume II. São Paulo: Paz e terra, 2005.
- SERRES, M. **Hermes: uma filosofia das ciências**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- _____. **Honimescência: o começo de uma outra humanidade?**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. **Diálogos sobre a ciência, a cultura e o tempo – conversas com Latour**. Instituto Piaget, 1997.
- _____. **O nascimento da física no texto de Lucrecio - Correntes e turbulências**. São Paulo: Editora UNESP; São Carlos: EdUFSCAR, 2003.
- _____. **O terceiro instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- _____. **Os cinco sentidos – filosofia dos corpos misturados**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____; PICQ, P; VINCENT, J-D. **Qu'est-ce que l'humain?**. Paris: Le pommier, 2010.
- SLOTERDIJK, P. **Regras para o parque humano – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação liberdade, 2000.
- STEIN, E. **Antropologia filosófica questões epistemológicas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.